



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA**

ELURDIANE GOMES DO NASCIMENTO

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA COMO RECURSO PARA A PRODUÇÃO DE SENTIDO
NA NOTÍCIA: UMA ANÁLISE DOS JORNAIS “CORREIO” E “JÁ” DA PARAÍBA**

**CAMPINA GRANDE – PB
2014**

ELURDIANE GOMES DO NASCIMENTO

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA COMO RECURSO PARA A PRODUÇÃO DE SENTIDO
NA NOTÍCIA: UMA ANÁLISE DOS JORNAIS “CORREIO” E “JÁ” DA PARAÍBA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Graduação em Letras – Língua
Portuguesa da Universidade Estadual da Paraíba,
em cumprimento à exigência para obtenção do grau
de Licenciatura em Língua Portuguesa.

Orientador (a): Prof.^aMS.Paloma Sabata Lopes da
Silva.

CAMPINA GRANDE – PB
2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

N244v Nascimento, Elurdiane Gomes do.

Varição linguística como recurso para a produção de sentido na notícia [manuscrito] : uma análise dos jornais "Correio" e "Já" da Paraíba / Elurdiane Gomes do Nascimento. - 2014.

25 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.

"Orientação: Profa. Ma. Paloma Sabata Lopes da Silva, Departamento de Letras".

1. Variação Linguística. 2. Linguagem Jornalística. 3. Notícia. I. Título.

21. ed. CDD 410

ELURDIANE GOMES DO NASCIMENTO

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA COMO RECURSO PARA A PRODUÇÃO DE SENTIDO NA NOTÍCIA: UMA ANÁLISE DOS JORNAIS “JÁ” E “CORREIO DA PARAÍBA”

Trabalho de Conclusão de Curso Apresentado ao Curso de Graduação em Letras de Língua Portuguesa da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do Grau de Licenciatura em Língua Portuguesa

APROVADA EM: 27/02/2014

Paloma Sabata Lopes da Silva Nota: 8,5

Profª. Ms. Paloma Sabata Lopes da Silva / UEPB

Orientadora

Aline Danielly Leal da Silva Nota: 8,0

Profª. Ms Aline Danielly Leal da Silva / UEPB

Examinadora

simone dália de gusmão Aranha Nota: 8,0

Profª Dr. Simone Dália de Gusmão Aranha / UEPB

Examinadora

Média: 8,2

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA COMO RECURSO PARA A PRODUÇÃO DE SENTIDO NA NOTÍCIA: UMA ANÁLISE DOS JORNAIS “CORREIO” E “JÁ” DA PARAÍBA

NASCIMENTO, Elurdiane Gomes¹

RESUMO

O presente artigo está focado em apresentar uma contribuição para o estudo da variação linguística a partir da análise de duas notícias dos jornais “Já” e “Correio”, ambos do Estado da Paraíba, com manchetes diferentes e textos também diferentes, por utilizarem uma linguagem informativa e objetiva. Além da identificação das marcas de variação linguística, buscamos subsídios para demonstrar que a leitura ocorre por meio da interação autor-texto-leitor. Tomamos como *corpus* para o estudo duas produções jornalísticas destinados a classes sociais diferentes, que veiculam as mesmas notícias. Para analisá-las utilizamos o método descritivo e analítico, baseado em estudos linguísticos relacionados ao uso da variação linguística em textos jornalísticos escritos, mediante uma abordagem qualitativa a partir do método dedutivo. Com base nos fundamentos apresentados por Bagno (2004), Bortoni (2005), Koch e Elias (2007), Bakhtin (2000), Rojo (2008), Labov (1983), até aqui, conclui-se que a variação nas notícias ocorre de acordo com o público leitor que se pretende alcançar, e que essas variações tem como motivação as diferenças de estratificação social, motivações estas que são fatores externos ao sistema linguístico e que produzem a variação dentro da comunidade da fala, se adequam às diferentes situações comunicativas.

PALAVRAS-CHAVE: Variação Linguística. Notícia Jornalística. Sociedade.

ABSTRACT

This paper is focused on presenting a contribution to the study of linguistic variation from the analysis of two news of the newspapers "Já" and "Correio", both from the state of Paraíba, with different headlines and texts, by using an informative and objective language. Besides of the identification of the linguistic variation marks, we seek grants to demonstrate that reading occurs through of the author-text-reader interaction. We take as a corpus to the study two journalistic productions intended for different social classes, that disseminate the same news. To analyze them, we used the descriptive and analytical method, based on linguistic studies related to the use of linguistic variation in written journalistic texts, using a qualitative approach from the deductive method. Based on the fundamentals presented by Bagno (2004), Bortoni (2005), Koch and Elias (2007), Bakhtin (2000), Rojo (2008), Labov (1983), until now, it is concluded that the variation in the news occurs according to the audience to be achieved, and that these variations are motivated by the differences of social stratification, which are external factors to the linguistic system and which produce the variation inside of the speech community, adapting to different communicative situations.

KEYWORDS: Linguistic Variation, Journalistic News, Society.

1 INTRODUÇÃO

A língua apresenta variações que correspondem a uma diversidade de modos de expressão. É por meio da linguagem que nos relacionamos em contextos situacionais distintos. Ela possibilita a interação entre os indivíduos, a construção da identidade social, além de influenciar diretamente nas práticas sociais, constituindo assim um sistema linguístico específico aos membros de um povo e da cultura vivenciada pelo mesmo.

A exploração das expressões linguísticas utilizadas pelo autor determinam o público-alvo e, conseqüentemente, influencia na leitura. Neste sentido, as variantes linguísticas nos textos jornalísticos, especificamente no gênero notícia, nos faz refletir sobre possíveis alternativas para a condução desse trabalho, pois a partir da escrita podemos definir supostamente um determinado tipo de leitor.

Nesse sentido, como objetivo geral procuramos contribuições para o estudo da variação linguística a partir da análise de duas notícias dos jornais “Correio” e “Já”, ambos da Paraíba, com manchetes diferentes e textos também diferentes. Cabe destacar que esses jornais são editados pela mesma empresa, constituindo-se em redações supostamente distintas, que representam a intenção do discurso jornalístico desta empresa, considerando os sujeitos-leitores dessas notícias e suas respectivas classes sociais. A partir desse contexto, nos propomos a responder ao seguinte questionamento: de que forma ocorre o fenômeno da variação linguística em notícias dos jornais analisados a fim de atingir ao público-alvo pré-determinado?

Tendo em vista a linguagem empregada nessas notícias nossos objetivos específicos são: verificar as marcas de variação linguística dentro dessas notícias jornalísticas, já que possuem interlocutores diferentes motivados pelas diferenças de estratificação social (diastráticas), motivações essas que são fatores externos ao sistema linguístico e que produzem a variação dentro da comunidade da fala; pretendemos também demonstrar que a variação linguística é um recurso de produção de sentidos, pois apresenta maior partilha entre conhecimento linguísticos e de mundo entre autor-texto-leitor. Para realização desse trabalho selecionamos duas notícias do jornal “Correio da Paraíba” e duas notícias no jornal “Já Paraíba”, sendo elas do mesmo dia (datas iguais), ficando o *corpus* do trabalho com duas

notícias de cada tablóide, porém com manchetes diferentes, apresentamos ainda a imagem digitalizada dos dois jornais.

Como embasamentos teóricos nos fundamentaram nas abordagens de Bortoni (2005), Koch e Elias (2007), Bakhtin (2000), Rojo (2008), Labov (1983), dentre outros.

Assim, as seções que seguem estão intituladas e organizadas da seguinte forma...

2. LEITURA E PRODUÇÃO DE SENTIDOS NA NOTÍCIA

Neste tópico visamos apresentar a notícia, suas características e como estas características definem seus possíveis leitores conscientes e capazes de criar seu próprio significado e, também, que possuem autonomia para criar e recriar o seu pensamento, pois, a leitura é o processo pelo qual o leitor realiza um trabalho ativo de interação, compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, e de tudo o que sabe sobre a linguagem.

2.1 A notícia como gênero e meio de comunicação social

Sendo os gêneros práticas comunicativas socialmente situadas, segundo Travaglia (2003), caracteriza-se por exercer uma função social específica de comunicação. Desse modo, em cada gênero há uma função sociocomunicativa, cuja explicitação, muitas vezes, é bastante complexa.

Segundo Marcuschi (2008), é importante mencionar o fato de o jornal se constituir em um suporte convencional com muitos gêneros produzidos para fixar os textos e assim torná-los acessíveis para fins comunicativos, cumprindo regularmente sua finalidade. Já Bonini-Ricardo (2003), considera o gênero jornalístico como um *hipergênero*, ou seja, um gênero que abriga outros, preenchendo quesitos como propósitos comunicativos próprios, organização textual característica, embora ainda não conhecida em seus detalhes, e produtores e receptores definidos. Desse modo, diante da variedade de gêneros presentes no jornal, apontou-se a possibilidade de encontrar, nesse mesmo material, tanto formas linguísticas conservadoras já que seus textos podem sofrer interferências do contexto sócio-histórico e cultural ao qual está relacionado, quanto formas inovadoras refletindo a dinamicidade da língua, em busca de criar certa identidade com o leitor, visando à sua própria sobrevivência através de sua circulação e venda.

Lage (2004) estabelece a diferença entre gênero literário e jornalístico. Para o autor, enquanto na literatura a forma é compreendida como portadora, em si, de formação estética, em jornalismo a ênfase desloca-se para os conteúdos, para o que é informado. O jornalismo se propõe processar informação em escala industrial e para consumo imediato. As variáveis formais nas notícias devem ser reduzidas, portanto, mais radicalmente do que na literatura. Quanto ao processo de comunicação jornalística como referencial, fala de algo no mundo exterior ao locutor, ao receptor e ao processo de comunicação em si. Isto propõe o uso quase obrigatório de terceira pessoa, com exceção de outros textos.

Tais características presentes no domínio discursivo da linguagem jornalística possibilitam a articulação entre a função social (informativa) do gênero e a receptividade do leitor de jornais. Com isto, queremos dizer que os fatores de constituição do gênero notícia apontam para elementos pertinentes na escrita do texto, conforme destacam Koch e Travaglia (2007, p. 48): alguns fatores de coerência podem ser bem observados nos textos jornalísticos e um desses fatores são os elementos linguísticos responsáveis pela coesão do texto. Embora nem sempre um texto coeso esteja coerente, o recurso ajuda na construção do significado impedindo a ambiguidade.

Ao enfocarmos a mídia impressa, o que chama-nos atenção o uso recorrente de metáforas na veiculação da informação, rompendo o ponto de vista de existência de metáfora somente em textos literários. As metáforas estão infiltradas na vida cotidiana, não somente na linguagem, mas também no pensamento e ação, sendo assim, o sistema conceitual ordinário é fundamentalmente metafórico.

Koch e Elias (2007, p.21) enfatizam que “a leitura e produção de sentido são atividades orientadas por nossa bagagem sociocognitiva: conhecimentos da língua e das coisas do mundo (lugares sociais, crenças, valores, vivências)”.

Ao verificarmos que há, principalmente nas manchetes, linguagem formal e informal, metáforas estruturais, percebemos que elas podem ser utilizadas como um recurso para atrair a atenção do leitor para a notícia.

Segundo Bakhtin, (2000, p.279) os textos não são puramente estruturas linguísticas, mas o seu principal objetivo é a interação verbal e que, em função dessa interação, os gêneros se constituem e se modificam.

De acordo com Nascimento (2009, p.107), uma das principais características da notícia é a polifonia de locutores, ou seja, esse tipo de texto é composto, sobretudo, por relatos e convém assinalar ainda que, mesmo que se diga objetivo, possui marcas de

subjetividade, pois a própria seleção das palavras utilizadas pelo repórter já imprime uma marca de argumentatividade, porque, como diz Ducrot (1988, p.82-83), as próprias palavras da língua já são dotadas de um valor argumentativo.

Partindo do pressuposto de que “a língua existe para que usuários se expressem e se compreendam” (AZEREDO, 2007, p.37), o desenvolvimento de atividades relacionadas às habilidades linguísticas precisam ser voltadas para a ampliação da competência comunicativa do leitor, visando auxiliá-lo na participação enquanto cidadão que entende o mundo ao seu redor e se faz entender pelos outros. Assim, a notícia caracteriza-se como um meio de interação social, ancorada pela informação levada aos cidadãos.

Como diz Amaral (2006), um fato será notícia na imprensa popular se puder ser narrado de maneira a ficar próximo ao leitor. Essa proximidade pode se dá pelo conteúdo do fato, pelas personagens que envolvem e pela linguagem utilizada.

Além disso, sabe-se que quanto maior a escolaridade de um indivíduo, maior será a sua competência linguística. Ao contrário do que muitos pensam, não significa empregar o português padrão em todas as situações, mas sim, ser capaz de se adequar a essas diferentes ocasiões.

2.1.1 Características da notícia jornalística

Em se tratando da notícia, qual seria a finalidade por ela almejada? Certamente, a de nos informar sobre um determinado fato. Trata-se de um texto bastante recorrente nos meios de comunicação de uma forma geral, seja impressa em jornais ou revistas, divulgada pela Internet ou retratada pela televisão. Caracteriza-se como uma narrativa técnica. Tal atribuição está condicionada principalmente à natureza linguística, pois diferente da linguagem literária, revela traços de intensa subjetividade.

Assim sendo, como a notícia pauta-se por relatar fatos condicionados ao interesse do público em geral, a linguagem necessariamente deverá ser clara, objetiva e precisa, isento de quaisquer possibilidades que porventura tenderem a ocasionar múltiplas interpretações por parte do leitor, de modo a aprimorar ainda mais os nossos conhecimentos quanto aos aspectos inerentes.

Nesse sentido, é importante destacarmos os elementos constituintes da notícia, tais como: **Manchete ou título principal** – Geralmente apresenta-se grafado de forma bem evidente, com vistas a despertar a atenção do leitor. **Título auxiliar** – Funciona como um

complemento do principal, acrescentando-lhe algumas informações, de modo a torná-lo ainda mais atrativo. **Lide (do inglês *lead*)** - Corresponde ao primeiro parágrafo, e normalmente sintetiza os traços peculiares condizentes ao fato, procurando se ater aos traços básicos relacionados às seguintes investigações, a saber: **Quem? Onde? O que? Como? Quando? Por quê? Corpo da notícia** – Relaciona-se à informação propriamente dita, procedendo à exposição de uma forma mais detalhada no que se refere aos acontecimentos mencionados.

Diante do que foi exposto, uma característica pertinente à linguagem jornalística é exatamente a veracidade em relação aos fatos divulgados, predominando o caráter objetivo recomendado pelo discurso.

2.1.2 A linguagem jornalística

Além de observar aquilo que diz o jornal, a análise das diferentes composições textuais deve levar em conta a modalidade de língua empregada pelo jornal. A esse respeito, Lage (1982) afirma que a linguagem jornalística ideal é aquela que concilia comunicação eficiente e aceitação social, incorporando expressões coloquiais de criação recente, denominações transpostas de jargões científicos para designar novos objetos, e atualizações que se mostrem necessárias, concretizadas, por exemplo, em termos surgidos na televisão ou em expressões técnicas utilizadas por economistas.

Ao realizarmos uma primeira análise da linguagem jornalística, evidenciamos a presença do clichê, do lugar comum, da forma convencional, fato geralmente creditado à rapidez com que as notícias têm de ser publicadas, ao desejo de abarcar todos os assuntos, e à necessidade de permanente constituição de corpos de redatores e repórteres.

Entretanto, todo texto retrata intenções de seu locutor de, em maior ou menor grau e de formas variadas, marcar ou mascarar sua posição, de modo que nem sempre o leitor seja capaz de identificá-la. O engajamento do jornalista é indiciado por pistas verbais repreensíveis numa análise linguístico-discursiva mais atenta. Além disso, seu posicionamento está presente também naquilo que não é dito, nas lacunas deixadas entre as informações e nas pistas, sutilmente indicadas ao leitor, sobre como preenché-las.

Isso porque a informação fornecida pelo jornal é, antes de tudo, um fato discursivo, e não a mera reprodução de acontecimentos e opiniões. O jornal, assim, não fala a respeito do mundo, mas procede à construção da realidade no texto e através dele (LAGE, 2004). Em

outras palavras, o jornal constrói, além da opinião pública, seu próprio referente: os sujeitos - personagens das notícias, e o objeto - informação propriamente dita.

É através da linguagem que nos relacionamos em contextos situacionais distintos, interagindo com outros sujeitos a fim de construir uma identidade social. Além disso, a linguagem influencia diretamente nas práticas sociais, compondo assim um sistema linguístico específico aos membros de um povo e da cultura vivenciada pelo mesmo.

Gradim (2000) chama a atenção do escritor da notícia para a necessidade de preocupar-se com a precisão da linguagem em seus textos: a precisão prende-se com o rigor semântico na utilização da linguagem, que deverá ser ultra cuidada. Muitas vezes, na pressa de escrever e embalado por certos automatismos, o jornalista esquece, por exemplo, que "dizer", "afirmar", "defender", "contar" - não significam rigorosamente a mesma coisa, nem podem ser aplicados indistintamente. Quando uma palavra é utilizada com precisão no interior de um texto, ela não é intermutável, nem pode impunemente ser trocada por outra.

O jornalismo se propõe a processar informação em escala industrial e para consumo imediato. As variáveis formais devem ser reduzidas, portanto, mais radicalmente do que na literatura.

Quanto ao processo de comunicação jornalística como referencial, Gradim (2000) fala ainda de algo no mundo exterior ao locutor, ao receptor e ao processo de comunicação em si. Isto propõe o uso quase obrigatório de terceira pessoa, com exceção de outros textos.

O domínio da referencialidade permite diferenciar a linguagem jornalística da linguagem didática, ainda quando esta se propõe à divulgação do conhecimento ou divulgação científica; nos textos didáticos predomina a metalinguagem, isto é, explicação ou definição de um item léxico por outro.

2.2 Breves noções teóricas sobre variação linguística

Ao falarmos em variação linguística repensamos sobre a ideia de se ter ou não um modelo de língua, sobre isso Bagno (2007) afirma que essa é uma ideia equivocada de pensar em norma padrão como um modelo de ideal de língua, baseada (supostamente) no uso dos grandes escritores (do passado, de preferência), mas que na verdade é “um modelo abstrato (que não corresponde a nenhum conjunto real das regras que governam a atividade linguística por parte dos falantes de carne e osso)” (p. 50).

Nossa língua é um "ser vivo", mutável e adaptável a qualquer meio de comunicação, nosso idioma é um dos mais versáteis e pragmáticos entre todos os outros falados no planeta,

o português pode apresentar tanto variações em função do usuário da língua (dialetais), quanto variações devido ao uso que se faz da língua (de registro) (LABOV, -1983, p.43).

Por tanto é uma ilusão pensar-se que o português, língua majoritária no Brasil, constitui uma realidade monolítica e homogênea. Sujeito ao fenômeno da variação, próprio a todas as línguas, o português do Brasil apresenta diversidade interna correlacionada com o espaço geográfico, o estrato sociocultural, a faixa etária e o sexo próprios do falante. Assim é que, falantes de diferentes regiões do país mostram diferenças no uso da língua (variação geográfica ou diatópica), bem como falantes que ocupam diferentes lugares na estrutura social (variação diastrática), ou que pertencem a gerações diferentes, ou mesmo falantes que são de sexo diferente. Essa diversidade que se observa de falante para falante, chamada dialetal (do termo dialeto) não é a única a ocorrer. A língua varia ainda em outra dimensão, no interior de um dialeto, em função das circunstâncias específicas em que se realiza o ato de fala: conforme o canal utilizado na comunicação, conforme o grau de intimidade existente entre os interlocutores, conforme o assunto tratado, o local em que ocorre a interação. De tal modo é que, diferentes recursos da língua são mobilizados conforme o falante esteja se comunicando oralmente ou por escrito, conforme a situação de fala permita um estilo mais informal ou exija uma linguagem mais formal (variação estilística ou diafásica).

A mudança linguística histórica corresponde à **variação diacrônica**, ou seja, aos diferentes estágios pelos quais qualquer língua passa no decorrer do tempo. (A variação diacrônica ocorre através do tempo por isso não a utilizamos nesta pesquisa). São as pessoas do mesmo grupo social ou da mesma região, mudando a maneira de falar com o passar dos anos.

É preciso compreender que tais mudanças, como se pensava no início, não se encerram somente no tempo, mas também se manifestam no espaço, nas camadas sociais e nas representações estilísticas. De acordo com Celso Ferreira da Cunha (1992), ao traçarmos a linearidade histórica de nossa “língua brasileira”, notamos que essa provém da língua portuguesa, que, por sua vez, provém do latim, que se entronca na grande família das línguas indo-europeias. O Brasil, é em um país imenso, de cultura viva e variada, isso, conseqüentemente tornou nossa língua diversificada.

A língua adquirida por determinado povo (ou nação) como, por exemplo, o português do Brasil, não se apresenta em forma única. Bagno (2004, p.41) destaca que qualquer língua existente no mundo, independente de seu momento histórico, tem como característica principal a sua diversidade.

Em vista disso, a língua compõe-se de particularidades distintas ao variar de uma determinada região a outra, como também a situacionalidade permite o emprego de mais de uma modalidade da língua por um mesmo indivíduo conhecedor de que certo modo de falar/escrever adéqua-se melhor a um ambiente e situação comunicativa.

Nesse ponto de vista, o indivíduo convive com diversos tipos de linguagem e consegue compreender a maioria delas, mas é preciso que a mesma esteja inserida em seu contexto de uso. É preciso, pois, compreender que tais mudanças, como se pensava no início, não se encerram somente no tempo, mas também se manifestam no espaço, nas camadas sociais e nas representações estilísticas. Em uma linguagem sistemática e coerente podem ocorrer formas diferentes de se efetuar a língua, uma vez que variam no espaço – variação diatópica – no tempo – variação diacrônica – e no indivíduo.

3 REFERENCIAL METODOLÓGICO

Este artigo é resultado de uma pesquisa descritiva e analítica, baseada em estudos linguísticos relacionados ao uso da variação linguística em textos jornalísticos escritos, mediante uma abordagem qualitativa a partir do método dedutivo. Ao realizarmos uma pesquisa descritiva segundo Lakatos (1996) estamos nos propondo a descrever o objeto de estudo que é a notícia, já a pesquisa analítica é uma abordagem interdisciplinar ao estudo dos textos, que considera a "linguagem como uma forma de prática social. É fazer uma descrição minuciosa do objeto ou da personagem a que o texto refere. Nessa espécie textual as coisas acontecem ao mesmo tempo.

3.1 Objeto da pesquisa

O presente estudo tem como objeto de análise duas notícias publicadas no jornal “Correio as Paraíba” e duas notícias publicadas no jornal “Já Paraíba”. Para realizar uma análise desses jornais, pesquisamos sobre suas respectivas audiências. O público do jornal “Correio da Paraíba” concentra-se nas classes “A” conhecida como classe dominante ou elite, (classe social presente no capitalismo moderno que se convencionou tratar como possuidora de um poder aquisitivo e de um padrão de vida e de consumo além do razoável), e “B” (conhecida por possuir um poder aquisitivo e um padrão de vida razoável) do Estado da Paraíba, já o público leitor do jornal “Já” concentra-se na classe “C”, ou seja, insere-se em uma classe dita menos privilegiada da população (classe com menos poder aquisitivo).

3.2 Coleta e sistematização dos dados

A escolha das notícias de domínio jornalístico deu-se através da grande circulação que possuíam seus respectivos jornais, ou seja, o jornal atinge pessoas de diferentes estratificações sociais, profissões e níveis de escolaridade, sendo escolhidas produções jornalísticas de notícias dos jornais Correio e Já da Paraíba, que veiculam as mesmas notícias, abordando fatos ocorridos no estado da Paraíba e circunvizinhos. Para tanto, foram selecionadas 2 notícias, sendo duas do jornal Correio da Paraíba e duas do jornal Já. Com estas em mãos foram analisadas as variações linguísticas considerando o público leitor alvejado.

4 CARACTERIZAÇÃO E APRESENTAÇÃO DOS JORNAIS

Nesta seção apresentaremos a imagem dos respectivos jornais “Correio” e “Já” da Paraíba, como também a imagem dos concernentes jornais, além de trazermos informações sobre a criação e o público alvo desses jornais.

4.1 Jornal CORREIO DA PARAÍBA

De acordo com as informações contidas no portal do correio veiculado a um *site* da internet o jornal Correio da Paraíba foi fundado em 05 de agosto de 1953 e teve como fundador Teotônio Neto, o qual foi deputado federal pela Paraíba com vários mandatos. Estando, portanto, no cenário jornalístico local há quase seis décadas.

É o jornal de maior circulação na Paraíba e um dos mais tradicionais, mantendo a linha editorial fincada na norma culta da língua e fazendo observância à linguagem jornalística padrão, neste jornal não existe espaço para gírias ou regionalismos. O seu público leitor, por exemplo, pertence, basicamente, às classes A e B, com médio ou alto grau de escolaridade.

Durante a produção desse estudo a equipe do Correio da Paraíba manteve-se bastante acessível, respondendo e-mails e até disponibilizando o uso do jornal *online* onde apenas assinantes têm acesso, esse acesso nos foi concedido durante o prazo de duas semanas nos dando assim acesso a 14 dias de notícias. As notícias não foram usadas neste estudo por que o jornal Já Paraíba não nos deu acessibilidade impossibilitando assim a análise entre as notícias. (PORTAL CORREIO - 2013)

Figura 1: capa do jornal



Imagem da capa do tablóide do correio em 10 de março de 2013

4.2 Jornal JÁ PARAÍBA

Do mesmo modo que o jornal correio, as informações que encontramos estavam contidas no portal correio veiculadas também a um *site* da internet, descobrimos que o jornal “Já Paraíba” foi lançado em 12 de maio de 2009 e tinha como o objetivo alcançar um público que antes não tinha acesso a jornais impressos por questões econômicas ou culturais. Para atingir esta meta o Jornal faz uso de uma linguagem simples, divertida e objetiva, tornando mais fácil a compreensão de seu conteúdo.

Para atingir o público desejado e despertar o interesse pela leitura, suas matérias falam de acontecimentos da cidade onde circula, Campina Grande, do Estado da Paraíba e até mesmo do mundo, dando destaque também a vida de pessoas famosas, horóscopo, esportes, humor, entre outros, sendo todas essas informações de forma mais enxuta e em linguagem informal. É pertinente considerar também que o preço é popular, dessa forma o jornal “Já” obteve uma ótima aceitação no mercado, contribuindo com o aumento do hábito de leitura nas classes menos favorecidas, conquistando espaço no dia a dia da população, e “formando” leitores assíduos e companheiros fiéis da informação nesta classe social.

O sucesso de vendas entre seu público foi tão grande, que o Jornal começou a tomar amplas proporções, atingindo até mesmo públicos que antes não faziam parte do objetivo de alcance, consolidando-se como um dos jornais mais vendidos na Paraíba.

Durante a pesquisa tentamos manter contato com o editorial do jornal, mais não conseguimos, apesar de termos enviado diversos e-mails. (PORTAL CORREIO 2013)

Figura 2: capa do jornal



Figura 3: capa do jornal



Imagem da capa do tablóide do Já Paraíba em 07 de março de 2013

Imagem da capa do tablóide do Já Paraíba em 14 de março de 2013

5 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA COMO RECURSO DEFINIDOR DO PÚBLICO LEITOR DOS JORNAIS

De acordo com as teorias cognitivas, no processo de leitura ocorre uma interação entre leitor – autor – texto, em que o leitor ativa os conhecimentos prévios para dar significado ao texto. Dessa forma, o conhecimento do leitor soma-se às informações do texto e ele lhe atribui um sentido.

Percebemos nas análises das notícias uma variação diafásica marcada pelo uso do léxico e expressões linguísticas informais; principalmente nas manchetes como recursos para chamada à leitura, resultando assim em maior presença de subjetividade.

Na verdade a mudança de registro é sentida principalmente a partir do uso do léxico, principalmente ao que concerne a vocábulos menos formais. Há uma recuperação de metáforas comumente partilhadas pela maioria da população.

Ao analisar as notícias percebemos a presença da variação linguística como eixo diferenciador de padrões sociais estereotipados, conforme apresentamos a seguir.

5.1 Variação Linguística na Notícia

Alguns textos jornalísticos como as notícias, dão conta de transformações, deslocamentos ou enunciações (LAGE, 2004). O texto jornalístico é visto apenas como fonte de informação e não como técnica para estimular a leitura mais complexa e também terreno fértil para a formação de alunos produtores de textos.

Nas análises que seguem, percebemos o quanto a linguagem utilizada pelos jornalistas determina o público-alvo a quem o texto se propõe a atingir:

Figura 4: Notícia A 1



Correio da Paraíba 01 de agosto de 2013 – Cidades

Figura 5: Notícia B1



JÁ. Paraíba, 01 de agosto de 2013- Cidades

Para facilitar a leitura das notícias das imagens A1 e B1 acima, antes de partirmos para a análise, transcrevemo-las:

Quadro 1: Notícia A1 transcrita

Um esquema de tráfico de drogas entre a Paraíba e o Rio Grande do Norte foi desmanchado pela polícia Civil. Em oito dias, 177 quilos de drogas foram apreendidos. Entre segunda-feira e terça-feira, 17 quilos de drogas foram retirados de circulação em João Pessoa. Só em um apartamento vazio, que servia de depósito na comunidade do Gadanho, no bairro do Padre Zé, a delegacia de Repressão a Entorpecentes (DRE) apreendeu 14 quilos de maconha prensada. O proprietário estocava a droga trazida do Rio Grande do Norte e em seguida distribuía aos traficantes.

(Correio da Paraíba, 01 de agosto de 2013, noticiado por Aline Martins)

Partindo do princípio de que a notícia é um gênero da linguagem jornalística que tem como característica fundamental relatar e descrever um fato, tendo que responder a seis básicas perguntas que a compõe e estão resumidas no *lead* (Como podemos ver no quadro abaixo): Quem?, Quê?, Quando?, Onde?, Por que? e Como?; identificamos com esses elementos aparecem na primeira notícia:

QUESTÕES	RESPOSTAS
O QUÊ?	Desmanche de um esquema de tráfico de drogas.
QUEM?	A delegacia de Repressão a Entorpecentes.
COMO?	Em oito dias, 177 quilos de drogas foram apreendidos.
QUANDO?	Segunda e terça-feira.
ONDE?	Na comunidade do Gadanho, no bairro do Padre Zé em João Pessoa.
POR QUÊ?	A notícia não específica

Embora a notícia responda às questões básicas supramencionadas, em alguns momentos se apresentam confusas para o leitor em função da colocação dos elementos gramaticais, em que se evidenciam problemas, como por exemplo: “**A delegacia de Repressão a Entorpecentes (DRE) apreendeu** 14 quilos de maconha prensada. O proprietário estocava a droga trazida do Rio Grande do Norte e em seguida distribuía aos traficantes”. Inserimos este aspecto para ilustrar também um exemplo que se configura como ausência de coesão textual: o verbo “apreender” indica uma ação praticada por um ser, assim, não é foi a delegacia de Repressão a Entorpecentes **quem** apreendeu. A forma correta seria: *Policiais da delegacia de Repressão a Entorpecentes apreenderam (...)*.

Podemos perceber, ainda nesta primeira notícia, o uso de uma linguagem padrão, bem elaborada, com concordância, deixando bastante claro o público leitor deste tipo de notícia.

A Língua Portuguesa não se realiza de maneira única ou uniforme; antes, apresenta-se riquíssima em variações decorrentes de quem a utiliza, de como ou quando é usada, de para que ou para quem é empregada. Para comprovar o que falamos citamos a notícia B 2 que trás a mesma notícia.

Quadro 2: Notícia B1 transcrita

Policiais da delegacia de Repressão a Entorpecentes de João Pessoa apreenderam terça-feira 17 quilos de maconha e três quilos de crack. A droga foi encontrada no Condomínio Esperança, no bairro Padre Zé, na Capital. De acordo com a delegada adjunta da DRE, Júlia Valeska, o trabalho realizado pela polícia é uma continuação da apreensão efetuada na semana passada de 160 Kg de maconha em Parnamirim, no Rio Grande do Norte.

Ainda segundo ela, a ação só foi possível com a troca de informações com a polícia de potiguar, quando foi identificado que traficantes da Paraíba buscavam drogas no Rio Grande do Norte e os de lá comercializavam entorpecentes aqui no estado.

JÁ. Paraíba, 01 de agosto de 2013- Cidades

Assim como para a notícia anterior, a seguir apresentamos o quadro das perguntas básicas a serem respondidas por qualquer notícia:

QUESTÕES	RESPOSTAS
O QUÊ?	Apreenderam terça-feira 17 quilos de maconha e três quilos de crack
QUEM?	Policiais da delegacia de Repressão e Entorpecentes.
COMO?	Com a troca de informações
QUANDO?	Terça-feira
ONDE?	No Condomínio Esperança, no bairro Padre Zé, na Capital.
POR QUÊ?	É uma continuação da apreensão efetuada na semana passada de 160 Kg de maconha em Parnamirim, no Rio Grande do Norte.

O exemplo da notícia B1 trás a mesma notícia de um modo mais coloquial, uma linguagem menos formal, porém com mais riqueza nos detalhes. Com isso, o texto ganha uma leitura mais leve, o leitor interessa-se pela notícia com mais facilidade devido a manchete chamativa e descontraída. Além disso, encontramos o uso da linguagem popular, explicitando um fenômeno próprio da diversidade linguística como vemos no exemplo, “Cachimbo da paz é suspenso em condomínio”.

Um dos tipos de variação dialetal facilmente perceptível nos exemplos analisados diz respeito às variedades sociais, as quais “ocorrem de acordo com a classe social a que pertencem os usuários da língua” Travaglia, (1996, p.45). Sabemos que a língua é

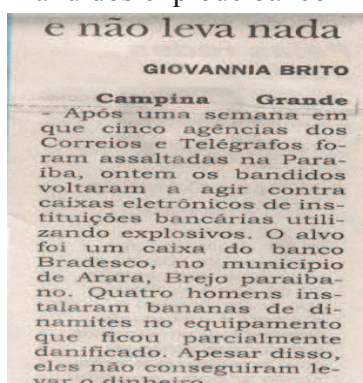
heterogênea, passível de variação e mudança. Vejamos um trecho da notícia A 2 :“Bandidos explodiram mais um caixa eletrônico de uma agência bancária na Paraíba, mas desta vez se deram mal e fugiram de mãos abandando porque a quantidade de explosivos não foi suficiente para destruir o compartimento onde ficam armazenadas as cédulas”. Na notícia encontramos o uso de palavras atuais e bastante usada por determinadas classes sociais, como por exemplo, “desta vez se deram mal”.

Os textos encontrados nos jornais ora se aproximam do padrão normativo aquele ditado pelos manuais, ora da modalidade oral. Isso pode ser ocasionado pelo fato de cada gênero apresentar características próprias ou pelo fato de haver uma intenção de aproximação com o leitor. De acordo com os embasamentos teóricos que usamos constatamos que a língua varia ainda em outra dimensão, no interior de um dialeto, em função das circunstâncias específicas em que se realiza o ato de fala: conforme o canal utilizado na comunicação, conforme o grau de intimidade existente entre os interlocutores, conforme o assunto tratado, o local em que ocorre a interação. Assim é que diferentes recursos da língua são mobilizados conforme o falante esteja se comunicando oralmente ou por escrito (fazendo uso de seu conhecimento de mundo), conforme a situação de fala permita um estilo mais informal ou exija uma linguagem mais formal (variação estilística ou diafásica). Como no exemplo a seguir: “De acordo com a delegada adjunta da DRE, Júlia Valeska, o trabalho realizado pela polícia é uma continuação da apreensão efetuada na semana passada de 160 Kg de maconha em Parnamirim, no Rio Grande do Norte”.

Ao realizarmos esta análise percebemos a diversidade e a variação da língua portuguesa. Por essa razão, não se deve compreender a língua portuguesa através da modalidade uniforme, uma vez que a existência de variações linguísticas é algo notável e comprovado por pesquisas realizadas na área.

Imagem 6 – Notícia A 2

Bandidos explode banco



Correio da Paraíba, 03 de agosto de 2013- cidades

Imagem 7 – Notícia B 2



JÁ. Paraíba, 03 de agosto de 2013- Cidades- pg.

Quadro 3: Notícia A 2 transcrita

Após uma semana em que cinco agências dos Correios e Telégrafos foram assaltadas na Paraíba, ontem os bandidos voltaram a agir contra caixas eletrônicos de instituições bancárias utilizando explosivos. O alvo foi um caixa do banco Bradesco, no município de Arara, Brejo paraibano. Quatro homens instalaram bananas de dinamites no equipamento que ficou parcialmente danificado. Apesar disso, eles não conseguiram levar o dinheiro. Desde o início do ano, já foram contabilizados 88 ataques, sendo 31 explosões, 26 arrombamentos, 12 assaltos, oito saidinhas e 11 tentativas. O fato ocorreu por volta de 1h30 da madrugada de ontem, quando os quatro homens chegaram à cidade em um carro branco. Depois de percorrerem algumas ruas de Arara, eles foram em direção ao Posto de Atendimento do Bradesco, instalaram os explosivos. Em seguida detonaram, mas logo perceberam que a quantidade utilizada tinha sido pequena para conseguir abrir a parte onde ficam as cédulas.

(Correio da Paraíba, 03 de agosto de 2013).

De tal modo como para as notícias anteriores, a seguir apresentamos o quadro das perguntas básicas a serem respondidas por qualquer notícia:

QUESTÕES	RESPOSTAS
O QUÊ?	Bandidos voltaram a agir contra caixas eletrônicos de instituições bancárias utilizando explosivos
QUEM?	Quatro homens.
COMO?	Quatro homens instalaram bananas de dinamites no equipamento que ficou parcialmente danificado
QUANDO?	Por volta de 1h30 da madrugada de ontem
ONDE?	Caixa do banco Bradesco, no município de Arara, Brejo paraibano.
POR QUÊ?	Perceberam que a quantidade de explosivos utilizada tinha sido pequena para conseguir abrir a parte onde ficam as cédulas, por isso fugiram.

Nesta notícia percebemos a semelhança com a notícia A 1, o uso de uma linguagem curta e objetiva, como também o uso das normas padrão da língua portuguesa, não cabendo espaço para coloquialismo ou uso de gírias. Na sociedade contemporânea, o jornalismo emprega cada vez mais a linguagem coletiva. Vale ressaltar que existe, também, a questão da liberdade de expressão e pensamento, portanto “não há pluralismo sem democracia”.

Além disso, existem ocorrências de discursos citados para efeito de passar credibilidade àquilo que é divulgado pela imprensa, como podemos constatar no trecho da notícia “O fato ocorreu por volta de 1h30 da madrugada de ontem, quando os quatro homens chegaram à cidade em um carro branco”. Vale esclarecer que o discurso citado tem como objetivo transmitir o testemunho fiel do relato jornalístico.

Quadro 4: Notícia B 2 transcrita

Bandidos explodiram mais um caixa eletrônico de uma agência bancária na Paraíba, mas desta vez se deram mal e fugiram de mãos abandando porque a quantidade de explosivos não foi suficiente para destruir o compartimento onde ficam armazenadas as cédulas. O ataque foi a um caixa do Banco do Bradesco, na cidade em Arara, no Curimataú paraibano. Como não conseguiram roubar o dinheiro, os bandidos ficaram enfurecidos e fugiram fazendo disparos e jogando grampos na rua para furar os pneus das viaturas caso a polícia os perseguissem.

(JÁ, 03 de agosto de 2013).

De tal maneira como para as notícias anteriores, a seguir apresentamos o quadro das perguntas básicas a serem respondidas por qualquer notícia:

QUESTÕES	RESPOSTAS
O QUÊ?	Explodiram mais um caixa eletrônico de uma agência bancaria.
QUEM?	Bandidos
COMO?	Com o uso de explosivos
QUANDO?	A notícia não especifica
ONDE?	Na cidade em Arara, no Curimataú paraibano.
POR QUÊ?	A quantidade de explosivos não foi suficiente para destruir o compartimento onde ficam armazenadas as cédulas.

Na notícia A 2 o jornal “Correio da Paraíba” traz a seguinte notícia:“alguns bandidos explodiram um banco, mas não conseguiram levar o dinheiro, pois a quantidade de explosivos não foi suficiente para explodir o caixa eletrônico”.Da mesma forma que o exemplo 1, percebemos uma linguagem mais voltada para o padrão culto da Língua Portuguesa e a objetividade da informação.Como exemplo de variação podemos citar as manchetes das notícias **“Bandidos explodem banco e não levam nada”**(Notícia A 2), linguagem formal e padrão, onde informa a o fato ocorrido e **“Peido de véia não arrombou**

banco”(Notícia B 2). O redator relata a mesma notícia agora de forma mais descontraída, fazendo uso de uma linguagem mais coloquial, uma linguagem popular. Ao usar o termo “peido de véia” o autor da notícia refere-se a um tipo de explosivo de pequena potência que é usado durante os festejos juninos, conhecido pela população. Com a utilização de uma linguagem mais despojada, empregando gírias de uso popular, o redator da notícia consegue atrair um público leitor menos formal (no qual imagina também que sejam menos escolarizados).

A linguagem utilizada na notícia B 2 é tão bem humorada que desperta a atração do leitor supostamente cansado e que deseja obter informações mais objetivas e de uma maneira mais divertida. Por motivar a curiosidade do leitor, o jornal “Já Paraíba” conquista e reconquistar o público continuamente e disputa espaço com a televisão e outros meios já que vivemos em um país com restrita tradição de cultura escrita.

O texto não é um produto acabado, haja vista que sua construção se completa no momento da recepção, ou seja, a reflexão do leitor é uma forma de argumentação que o leva a posicionar-se, a determinar se deve ou não dar crédito àquilo que lê. Nesse aspecto, a afinidade entre a posição ideológica do jornal e a do leitor é fundamental na atribuição de valores que poderão vir a ser compartilhados ou não, dependendo da maneira particular de cada um ver o mundo.

6 CONCLUSÃO

Envolvendo um complexo conjunto de habilidades e de fatores situacionais, a linguagem consiste em uma atividade social, um ato histórico, cultural e político. Partindo dessa afirmativa, procurou-se enfatizar a necessidade do ato reflexivo diante das variações da língua, através de um estudo discursivo e analítico de duas notícias dos jornais “Já” e “Correio”, ambos do Estado da Paraíba, além de evidenciar que a atividade de leitura ocorre por meio da interação entre o autor-texto-leitor. Partindo do pressuposto de que “a língua existe para que usuários se expressem e se compreendam” (AZEREDO, 2007, p.37), o desenvolvimento de atividades relacionadas às habilidades linguísticas precisa ser voltado para a ampliação da competência comunicativa do leitor, visando auxiliá-lo na participação enquanto cidadão que entende o mundo ao seu redor e se faz entender pelos outros.

É importante salientar que o leitor deve ser conduzido a refletir sobre seu idioma, a perceber que a língua é o meio coletivo de expressão e que permite uma multiplicidade de

usos dependendo das situações comunicacionais. Refletir sobre a língua é algo extremamente relevante e necessário, pois através dessa reflexão podemos perceber a variação existente em nossa língua.

Neste trabalho encontramos variações diacrônica (as diversas manifestações da língua através dos tempos), diafásica (relacionada com a diferente situação de comunicação) e a variação sincrônica (as variações num mesmo período de tempo) dentro das notícias analisadas. A linguagem jornalística encontrada foi recente, objetiva e de interesse público.

A conclusão a qual chegamos pode ser muito bem apresentada segundo a reflexão de Bortoni-Ricardo (2005, p 274) quando afirma que “um indicador da estratificação social e que os grupos se diferem, também, pelo uso da língua”.

Logo podemos perceber que a norma culta da língua ainda se constitui como um conhecimento restrito à poucos na sociedade brasileira, e que esse fator diminui o acesso à práticas de linguagem, fazendo assim com que esse acesso ao conhecimento do padrão, se torne uma forma de poder, que permite o acesso a informações. Dessa forma, não se possui somente uma variação, mas uma forma de acesso aos conhecimentos sobre o mundo que podem ser determinantes nas relações sociais.

Em síntese, pudemos chegar a duas possíveis interpretações: primeiro, diz-se que os brasileiros não leem, porém o sucesso do jornal “Já” aponta que o conhecimento linguístico pode ser um entrave para uma efetiva interação entre leitor-jornal. Com isso vemos que os brasileiros, na verdade, não estariam lendo os usos de linguagem valorizados socialmente, que privilegiam a norma padrão, mas leem outros tipos de textos. A segunda é a preocupação que alguns estudiosos já vêm discutindo, sobre a educação formal, que ao rejeitar os conhecimentos linguístico e de mundo dos alunos, a escola não consegue auxiliar o leitor a fazer a transição entre os usos mais particulares para os usos públicos, que prescindam de um maior grau de abstração.

Com tudo, apontamos como contribuição desse trabalho a variação linguística atrelada ao funcionamento de textos, em situações concretas de uso. Assim, um mesmo gênero, que veicula um mesmo fato, pode lançar mão de configurações linguísticas diferenciadas conforme os objetivos comunicativos, definidos segundo os interlocutores construídos, como também uma reflexão sobre como esses usos da língua são imbuídos de um poder: o uso de uma linguagem mais próxima da standard direciona o jornal a um público de mais poder aquisitivo, enquanto um de linguagem mais popular define-se como mais acessível às classes menos favorecidas economicamente. Sob essa perspectiva, apontamos que a língua muda e

que o uso de uma variação em detrimento da outra acarreta conseqüências de natureza político-ideológicas.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, M. F. **Jornalismo Popular**. São Paulo: Contexto, 2006.

AZEREDO, José Carlos. A quem cabe ensinar a leitura e a escrita? In: PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino; GAVAZZI, Sigrid. (Orgs.). **Da língua ao discurso: reflexões para o ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

BAGNO, Marcos. **Nada da língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007. Bernstein, Brasil. Comunicação verbal, código e socialização. In: COHN, Gabriel (Org.)

BAKHTIN, M. **Os Gêneros do Discurso**. In: BAKHTIN, M. *A Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. **A norma oculta: Língua e poder na sociedade brasileira**. 7. ed. São Paulo: Parábola, 2007

BELINE, Ronald. A variação linguística. In: FIORIN, José Luíz. (Org). **Introdução à linguística**. São Paulo: Contexto, 2007.

BONINI, A. Os gêneros do jornal: o que aponta a literatura da área de comunicação no Brasil? **Revista Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, SC, v. 4, n. 1, p. 205-231, 2003. Disponível em: <<http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0401/00.htm>> Acesso em: 19 jun. 2012.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Nós chegemos na escola, e agora?: Sociolinguística & Educação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

CUNHA, Celso Ferreira da. Gramática da Língua Portuguesa. 12 ed. Rio de Janeiro: FAE, 1992.

CORREIO. Disponível em <<http://www.correiodaparaiba.com.br/>> Acesso em: 12 jul. 2013.

DUCROT, O. Princípios de Semântica Linguística: dizer e não dizer. São Paulo: Cultrix, 1988.

FARACO, Carlos. Alberto. **Linguística histórica**. São Paulo: Ática, 1991.

GRADIM, A. **Manual de jornalismo**. www.ubi.pt. Universidade da Beira Interior, 2000.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **A coerência textual**. 17. ed. 1. reimp. São Paulo: Contexto, 2007.

KOCH, IngedoreVilhaça. **Ler e compreender: os sentidos do texto/** IngedoreVilhaça Koch e Vanda Maria Elias. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

LABOV, William. **Modelos sociolingüísticos.** Traducción José Miguel Marinas Herreras. Madrid: Cátedra, 1983.

LAGE, N. **Linguagem jornalística.** 7 ed. São Paulo: Editora Ática, 2004.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica.** 3. ed. São Paulo: Atlas, 1996. 270 p. ISBN 8522407142

MARTINS, Eduardo. **Manual de Redação e Estilo de O Estado de S. Paulo.** 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 1997.

PORTAL Correio. Disponível em <[http:// www2.portalcorreio.com.br/sites/jornalja/](http://www2.portalcorreio.com.br/sites/jornalja/)> Acesso em: 12 jul. 2013.

TRAVAGLIA, L.C. **Tipologias textuais literárias e linguísticas.** Scripta, Belo Horizonte, v. 7, n. 14, p. 146-157, jan./jun. 2004.

_____. **Gramática e Interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus.** São Paulo, Cortez. 1996.